

## DA DEFINIÇÃO NOS TEXTOS DE INSPIRAÇÃO GEOMÉTRICA DE DESCARTES E SPINOZA

Allan Wolney Mesquita Santos<sup>228</sup>

**Resumo:** Nas respostas às segundas objeções, Marin Mersenne pede ao autor das meditações que exponha algumas das conclusões em um escrito disposto a forma dos geômetras. Tal pedido, fez com que Descartes dissertasse sobre a natureza dessa forma de exposição e a influência que exerceu sob a sua filosofia. Assim nasceu o “Razões que provam a existência de Deus e a distinção que há entre o espírito e o corpo humano, dispostas de uma forma geométrica”, um pequeno escrito que apresentava uma compilado conceitual de alguns termos de sua filosofia, fornecido graças as “definições” do escrito. Deste modo, utilizando escritos de Spinoza, tais como a “Ética demonstrada à maneira dos geômetras” e o inacabado texto “Tratado da correção do intelecto e do caminho pelo qual melhor se dirige ao verdadeiro conhecimento das coisas”, analisar-se-á a importância da definição nos escritos filosóficos que se utilizaram da forma de exposição geométrica.

**Palavras-chave:** Definição, método geométrico, essência.

### Introdução

A natureza da definição nos textos filosóficos inspirados no método geométrico é um tema substancial a respeito da ligação entre essência, definição e conhecimento. Deste modo, a investigação sobre como o um método de escrita ordenada que consista em demonstrações de proposições através das anteriores a partir de uma concepção de definição essencialista com um objetivo de expor verdades do conhecimento humano, consiste em três pontos: critérios de uma boa definição, o funcionamento e características do método geométrico e a natureza da definição nesses sistemas.

A definição tem uma importância central na metafísica de Spinoza. Tal importância se deve ao seu papel fundamental para formação do conhecimento e sua qualidade. Dessa forma, no “Tratado da correção”, são expostas as condições para uma boa definição.

---

228 Graduando em Filosofia Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe.  
E-mail: sirrossaymons@gmail.com

Uma vez que se elencam esses critérios para a Definição, a discussão prossegue com qual é a melhor forma de exposição de verdades do conhecimento humano. Em uma passagem do “Discurso do método”, Descartes descreve como a geometria o influenciou na concepção do método, mas são nas respostas às segundas objeções que ele discorre sobre a ordem e classifica e descreve os dois modos de exposição geométrica, sendo que um deles foi usado nas meditações.

Os critérios de uma boa definição junto com o desejo de reduzir os números de ideias a uma, tentando conectá-las e ordená-las, parece sugerir que o método geométrico é uma abordagem possível dentro da filosofia de Spinoza, entretanto qual é a natureza das definições dentro sistema formado de tal maneira.

### **Sobre a definição no Tratado da correção do intelecto de Spinoza**

Num escrito inacabado chamado ‘Tratado da correção do intelecto e do caminho pelo qual melhor se dirige ao verdadeiro conhecimento das coisas’, Spinoza expõe a necessidade de um método para obtenção de verdades que revelam ideias claras e distintas somente através o intelecto. Na segunda parte deste método propõe dois objetivos, a saber, dissertar sobre o intuito do método e qual são os meios para almeja-lo.

O intuito, segundo Spinoza, é fazer que algo que é o objeto da intelecção seja concebida somente por sua essência ou por sua causa próxima, ou seja, aquela na qual não se pode pensar uma causa intermediária que é efeito desta. Neste ponto, é alicerçada a intelecção de dois tipos de seres, a saber, são causa de si mesmos (causa sui) e os que são efeitos de outras causas. Se se recorrer à um outro escrito do mesmo autor intitulado ‘Ética Demonstrada a maneira dos geômetras’, mais precisamente o axioma IV (O conhecimento do efeito depende do conhecimento da causa e envolve-o) e V (Coisas que nada tenham de comum entre si também não podem ser entendidas umas pelas outras, ou, por palavras diversas, o conceito de uma não envolve o conceito da outra), fica explicitado o motivo de uma coisa que é causa de si mesma deverá ser inteligida só por sua essência e a coisa que exige outra para existir precisa ser inteligida por sua causa que é mais próxima. Isso permite uma conclusão interessante:

nunca poderemos, enquanto tratamos da investigação das coisas, concluir algo de abstrações, e tomaremos muito cuidado em não misturar o que está só no intelecto com o que está na coisa. Mas a melhor conclusão se tirará de alguma essência particular afirmativa, ou seja, de uma verdadeira e legítima definição. Efetivamente, o intelecto não pode descer de axiomas só universais a realidades singulares, visto que os axiomas se estendem a coisas infinitas e não determinam o intelecto para contemplar uma coisa singular mais do que outra (SPINOZA, 1999, p.83).

Assim é justificado o tratamento que será dado a definição, pois é através dela que forma-se o conhecimento, e a acurácia deste depende diretamente da qualidade da mesma. “Portanto, o essencial de toda esta segunda parte do método consiste só nisso, a saber, em conhecer as condições de uma boa definição e, a seguir, no modo de encontrá-las.”

O primeiro ponto a respeito da definição é saber quais são as suas condições. A definição para ser perfeita tem que explicar a essência íntima da coisa. No objetivo de tentar mostrar que isto é diferente de definir descrevendo propriedades, Spinoza argumenta que a inteligibilidade das propriedades depende do entendimento da essência. Embora o entendimento para os seres de razão seja dispensável, não ocorre o mesmo com os seres reais, em que a concatenação do intelecto deve reproduzir a concatenação da Natureza, e o abandono das essências impossibilita esta reprodução. Assim, é elencado um conjunto de características que deve ser observado na definição: “Se a coisa for criada, a definição deverá, como dissemos, abranger a causa próxima” e “Requer-se um tal conceito ou definição da coisa que todas as suas propriedades (quando a coisa é vista isoladamente, mas não junto com outras) possam concluir-se dela”; mas se a coisa for “incriada” os conjuntos de características são:

- I. Que exclua toda causa, isto é, que o objeto não exija nada mais que seu próprio ser para sua explicação.
- II. Que, dada a sua definição, não reste lugar para a pergunta: "Existe ou não?"
- III. Que não contenha, no sentido real, substantivos que possam ser adjetivados, ou seja, que não possa ser explicada em termos abstratos.
- IV. Exige-se, por último (embora isto não necessite muito ser anotado), que de sua definição se concluam todas as suas propriedades. Tudo isso são coisas manifestas a quem prestar bem atenção (SPINOZA, 1999, p.84).

## **A geometria como modelo para exposição de verdades do conhecimento humano em Descartes e Spinoza**

Na segunda parte do discurso do método, logo após exposição das quatro regras do método, Descartes disserta sobre como o conhecimento humano poderia ser disposta da mesma forma do método geométrico:

Essas longas cadeias de razões, tão simples e fáceis, de que os geômetras costumam servir-se para chegar às suas mais difíceis demonstrações, levaram-me a imaginar que todas as coisas que podem cair sob o conhecimento dos homens encadeiam-se da mesma maneira, e que, com a única condição de nos abstermos de aceitar por verdadeira alguma que não o seja, e de observarmos sempre a ordem necessária para deduzir-las umas das outras, não pode haver nenhuma tão afastada que não acabemos por chegar a ela e nem tão escondida que não a descubramos (DESCARTES, 1996, p. 23-24).

Tal concepção influenciou profundamente Spinoza, que escreveu um livro cujo nome explicita sua abordagem fortemente margeada pela opinião do método geométrico ser uma opção de exposição de verdades do conhecimento humano, a saber, ‘Ética demonstrada a maneira dos geometras’. Este livro que organiza suas proposições através das seguintes classificações: definição, axiomas, proposição, corolário e lema; e os textos utilizados para mostrar a luz natural que tais enunciados são verdadeiros são classificados em: explicação, demonstração e escólio. Essa forma de exposição parece ser justificada por Spinoza através do seguinte trecho do Tratado:

[...] para que todas as idéias sejam reduzidas a uma, tentaremos ligá-las e ordená-las de tal modo que nossa mente, quanto possível, reproduza objetivamente a formalidade da natureza, no todo e em cada uma de suas partes (SPINOZA, 1997, p.83).

Entretanto, essa abordagem não é pioneira. Descartes, nas repostas às segundas objeções, satisfaz o seguinte pedido de Marin Mersenne:

Esses, senhor, são os pontos que desejamos ser esclarecidos por ti, para que uma leitura das suas mais sutis e, assim crermos, verdadeiras Meditações possam ser especialmente profícuas para todos. Assim, seria útil se, no final das suas explanações, tu apresentar-te-ias toda a prova em forma geométrica (na qual tu és tão versado), depois de estabelecer como premissas certas definições, postulados e axiomas, de modo que, com uma única intuição, a mente de qualquer leitor pode ser satisfeito por tu e imbuído com poder divino<sup>229</sup> (DESCARTES, 2006, p. 75).

Assim surge o texto ‘Razões que provam a existência de Deus e a distinção entre o espírito e o corpo humano, dispostas de uma forma geométrica’ um texto pequeno que consiste em: dez definições, sete postulados e dez axiomas; utilizados para demonstrar quatro proposições e um corolário. Entretanto, antes de expô-lo, Descartes comenta sobre a diferença entre o método de suas meditações e o método geométrico que irá empregar nesse texto. Primeiro, traça uma distinção entre duas características do estilo geométrico, a saber, a ordem e o modo [razão, relação] da demonstração.

A ordem, para Descartes, consiste simplesmente em apresentar as proposições dispostas num arranjo sequencial, onde o primeiro não precisa de nenhuma outra ajuda para ser entendido e reconhecido como verdadeiro, mas os demais necessitam dos anteriores para serem demonstrados. Por exemplo:

#### DEFINIÇÕES

[...]III. Por substância entendo o que existe em si e por si é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não carece do conceito de outra coisa do qual deva ser formado.

[...]V. Por *modo* entendo as afecções da substância, isto é, o que existe noutra coisa pela qual também é concebido.

---

229 “These, sir, are the points on which we desire to be enlightened by you, so that a reading of your most subtle and, we believe, true Meditations may be especially profitable to everyone. Thus it would be useful if, at the end of your explanations, you were to set forth the entire proof in geometrical form (in which you are so well versed), after establishing as premises certain definitions, postulates, and axioms, so that, with a single intuition, the mind of any reader might be satisfied by you and imbued with divine power.”

[...]Axiomas  
[...]PROPOSIÇÃO I  
*A substância é por natureza anterior às suas afecções.*  
DEMONSTRAÇÃO  
É evidente pelas *definições 3 e 5.*  
PROPOSIÇÃO II  
*Duas substâncias que tenham atributos diversos nada têm de comum entre si.*  
OUTRA DEMONSTRAÇÃO  
É também evidente pela *definição 3.* Com efeito, cada uma delas deve existir em si e por si deve ser concebida, ou, por outras palavras, o conceito de uma não envolve o conceito da outra (SPINOZA, 1997, p. 89-92).

A primeira proposição da *Ética* de Spinoza tem que ser necessariamente demonstrada por algumas das definições e/ou axiomas precedentes, jamais poderia ser demonstrada pela segunda proposição, já que ela a sucede. Entretanto, uma vez que foi demonstrada, ela pode servir como premissa para demonstração de outra proposição posterior da cadeia como, por exemplo, a quinta proposição, a saber, “Na natureza não podem ser dadas duas ou mais substâncias com a mesma propriedade ou atributo”. Neste momento, é relevante lembrar que é o procedimento oposto ao sugerido por Thomas de Aquino no livro o “*Ente e a Essência*”: “[...] começando pelo mais fácil, o aprendizado se dê de maneira mais adequada, pois devemos receber o conhecimento do simples a partir do composto e chegar ao anterior a partir do posterior” (AQUINO, 2005 p. 12),

O modo [relação, razão] de um argumento, por sua vez, pode ser dividido em dois tipos, a saber, sintético e analítico. Sobre este último, Descartes diz que essa maneira mostra como a coisa foi descoberta metodicamente a priori, na qual o leitor se apropria do que está lendo, do que ele está descobrindo ao ler. O sintético demonstra suas conclusões a posteriori, embora sua prova seja mais a priori do que o analítico, através de uma cadeia de definições, postulados, axiomas e teoremas dispostos em tal maneira que o non sequitur [aquilo que não se segue] é negado, entretanto não ensina a maneira que o objeto foi descoberto.

Descartes, segundo o que descreve, seguiu exclusivamente o modo analítico em suas meditações, não acredita que o método sintético possa ser convenientemente aplicado a assuntos metafísicos, porque na geometria existe concordância nos sentidos empregados nos termos, o que facilita a manutenção da atenção no leitor durante as exposições. Entretanto, é explícito que Descartes acredita já está empregando um tipo de modo do método geométrico nas meditações, a única coisa que Marin Mersenne pediu, para o autor das meditações, foi que fosse exposto do outro modo, mais usual entre geômetras modernos.

### **Sobre as definições dos escritos ‘Razões’ de Descartes e ‘Ética’ de Spinoza**

Descartes, em seu escrito, define vários termos que são evidências da influência escolástica em sua formação como: ser formalmente, ser eminentemente, Substância, Espírito, Corpo e Deus. Todavia, ainda nas definições ele irá explicitar conceitos que serão utilizados por toda a modernidade: ideia e pensamento.

As definições de Spinoza são, sem sombra de dúvida, mas concisas do que as de Descartes e, se observar o contexto da obra, mais sistemática, pois são oito definições, sete axiomas para demonstrar trinta e seis proposições (sem contar os corolários) na parte I da *Ética*, intitulado de Deus. O que é definido, de maneira geral, é: causa de si, finito no seu gênero, substância, modo, Deus, absolutamente infinito, livre, necessário e eternidade.

A diferença substancial entre Descartes e Spinoza pode ser atribuída ao estudo que o segundo fez sobre a qualidade das Definições no seu tratado da correção do intelecto, corroborado com a criação da classificação “Explicação” que tira do corpo da definição enunciados elucidativos. Segundo Joaquim de Carvalho:

No *Da Correção do Intelecto* diz que a definição, para ser perfeita, *debebit intimam essentiam rei explicare* [deverá explicar a essência íntima da coisa]. Isso mostra que para Espinosa a definição não é a explicitação lógica de um conceito mediante o gênero próximo e a diferença específica. Este tipo de definição assenta nas propriedades, está ligado ao método da divisão e é diferencial, enquanto que as definições de Espinosa pretendem ser *essenciais*, isto é, dar a idéia clara e distinta da essência da coisa definida e da qual a idéia é inseparável; por isso identifica definição verdadeira com idéia adequada, isto é, essência objetiva, ou, por outras palavras, a essência presente ao intelecto que define: *ea rei idea sive definitio* [esta idéia da coisa ou definição] (*Epístola LX*). Na *Epístola IX* distingue os seguintes *genera*: a definição que *explicai rem prout est extra intellectum...*, [explica a coisa como é fora do intelecto] isto é, a definição, e a definição que *explicai rem, prout a nobis concipitur vel concipi potest..* [explica a coisa como é concebida por nós ou como pode ser concebida] que é a definição nominal. Em rigor, as definições aqui dadas são deste tipo; porém, pela intenção pertencem ao primeiro, dado que no sistema de Espinosa tudo se passa como expressão da necessidade real, que também é a necessidade lógica. As definições aqui apresentadas enunciam conceitos fundamentais, dada a exposição *more geométrico* do sistema. "A meu ver", escreveu Espinosa no final da *Epístola LX*, "a única regra a observar é que cumpre achar uma definição da qual tudo possa deduzir-se... Propondo-me a tirar do conceito de uma coisa tudo o que dele é possível deduzir, é bem de ver que o que vem depois é mais difícil do que o que está antes." Com serem distintas, as oito definições assentam na discriminação de duas determinações ontológicas: o ser que é causa de si, possui infinitos atributos, é livre, etc., isto é, a substância, ou Deus, e o ser que não é causa de si, isto é, é condicionado, existe e é concebido por outro, ou seja, os modos (SPINOZA, 1997, p. 89).

Assim, Spinoza não estaria reproduzindo uma metafísica tomista escolástica, pois o papel do intelecto é distinto entre os dois. O intelecto para Aquino é aquilo que decompõe a essência e enquadra essas partes em classes como: ‘gênero’, ‘diferença’, ‘universal’, ‘particular’, ‘comunidade’ e ‘singular’; entretanto o ser só é passível de definição se for uma espécie, pois assim pode ser decomposta em gênero próximo e diferença específica. A passagem sobre a predicação margeia a noção da função do intelecto:

A predicação é algo que se completa pela ação do intelecto que compõe e divide, tendo fundamento na própria coisa, a unidade daqueles dos quais um é dito do outro [...] A noção de predicabilidade pode estar encerrada na noção desta intenção que é o gênero [...] O que o intelecto atribui a intenção de predicabilidade, compondo-o com outro, não é a própria intenção de gênero (AQUINO, 2005, p. 28).

A posição de Spinoza perante a definição é que elas são “essenciais”, não no sentido que expressão uma essência, mas sim porque ideia e essência são indissociáveis, Além disso, o intelecto é somente um certo modo do pensar, que por sua vez é um dos infinitos atributos da substância divina, o intelecto finito seria constituído de ideias. Na classificação exposta por Joaquim de Carvalho, na “Ética”, Spinoza parece usar a definição nominal, mas pela natureza da obra (que é metafísica) acaba fazendo uma definição da coisa como é fora do intelecto, assim é forçoso afirmar que, pelo menos nesta obra, os dois tipos de definições se conciliam.

## Conclusão

A definição tem duas naturezas de critérios dependendo do tipo de ser no qual está sendo definido, assim, se a coisa for criada, sua causa mais próxima deve está na definição e esta deve abranger todas as suas propriedades, senão a definição deve: excluir toda a causa, que seja evidente por tal sua existência ou falta dela, que não tenha substantivos que possam ser adjetivados e que abarque todas as suas propriedades.

O conhecimento humano poderia ser disposto da mesma forma do método geométrico para Descartes. Este método consiste de duas características: ordem, que é a maneira de exposição em que a proposição consequente é demonstrado pela antecedente, e modo, que são de dois tipos. O primeiro é o analítico, que é o mais pedagógico e que ele utiliza nas meditações, pois faz com que o leitor se aproprie das ideias e percorra o percurso demonstrativo descobrindo a verdade da proposição. O segundo é o sintético que se utiliza de definições, postulados e axiomas a fim de não permitir o *non sequitur*.

A natureza da definição, no texto da *Ética*, é estar intrinsecamente ligada a essência, pois o papel dela é fornecer uma ideia clara e distinta para a intelecção, a ideia e essência, por sua vez, são inseparáveis. Por sua natureza metafísica, em conjunto com o modo sintético de exposição geométrica, neste livro, os dois tipos de definição, a que “explica a coisa como é fora do intelecto” e a “que explica a coisa como é concebida por nós ou como pode ser concebida” são conciliadas em uma só.

## Referências

AQUINO, Tomás de. **O ente e a essência**. Trad. Carlos Arthur do Nascimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1996.

DESCARTES, René. **Discurso do método; as paixões da alma; objeções e respostas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

DESCARTES, René. **Meditations, Objections, and Replies**. Trad. Roger Ariew Donald Cress. Indianapolis, IN: Hackett Publishing Company, 2006.

GUINSBURG, J; ROMANO, Roberto; CUNHA, Newton (Org.). **Descartes: obras escolhidas**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2010.

SPINOZA, Benedictus de. **Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética; Tratado político; Correspondência**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1997.